

Paulo Freire na trilha da criatividade libertadora

Rosas, Agostinho da Silva¹

Resumo

O artigo decorre das discussões realizadas a partir da tese 'educação popular com Paulo Freire pressupõe criatividade libertadora'. Como recorte teórico, centrou-se na leitura de *Educação como prática da liberdade e Pedagogia do oprimido* delimitando argumentos ao contexto e significado de criatividade e ação criativa. Dois objetivos foram elaborados desenhando o movimento metódico mediado pela dialética freireana. Um pretendeu demonstrar que criatividade é conotação fundante ao pensamento freireano e, na continuidade, outro objetivo delimitou a maneira de pensar-agir com criatividade e ação criativa em educação libertadora. Deduz-se que o pensamento freireano descrito se constitui em espaço teórico à criatividade e ação criativa, limitado pela singularidade da educação libertadora.

Educação libertadora (popular). Criatividade libertadora. Ação criativa libertadora.

Abstracto

El artículo se deriva de las discusiones realizadas desde la tesis 'educação popular com Paulo Freire pressupõe criatividade libertadora'. Como marco teórico, se centró en la lectura de *La educación como práctica de la libertad y Pedagogía del Oprimido*, se ha delimitado argumentos al contexto y significado de la creatividad y la acción creativa. Dos objetivos fueron construidos dibujando el movimiento metódico mediado por la dialéctica freireana. Un objetivo se he destinado a demostrar que la creatividad es fundamental para la continuidad del pensamiento freireano, otro objetivo marca la forma de pensar-actuar con creatividad y acción creativa en la educación liberadora.

Educación liberadora (popular). Creatividad liberadora. Acción creativa liberadora.

¹ Doutor em Educação, docente na Universidade de Pernambuco, nos cursos de Licenciatura em Educação Física e Licenciatura em Ciências Sociais; associado ao Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas. *E-mail:* agsrosas48@gmail.com

Introdução

De certa maneira, um(a) leitor(a) mais cético(a) poderia se questionar porque relacionar Paulo Freire à conotação criatividade. Não seria de se estranhar, criatividade nunca foi tema gerador a sua discussão em educação. No entanto, ao adentrar em sua obra o(a) leitor(a) irá perceber que criatividade e ação criativa transitaram direta e indiretamente por dentro de seus livros. De *Educação e atualidade brasileira* (1959) à *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996) criatividade emerge afastando-se do improvisado, das práticas miméticas para assumir, gnosiologicamente, argumentos esclarecedores de seu pensar².

Seus livros, desde a maneira como os escreveu, são exemplos da diversidade de estilos, condição que se expressa com linguagem acadêmica (ex.: *Educação e atualidade brasileira*, 1959; *Educação como prática da liberdade*, 1967; *Pedagogia do oprimido*, 1970) aos dialogados (ex.: *Sobre educação: diálogos*, vol. 1, 1982; vol. 2, 1984; *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*, 1987 – publicado em 2002).

Caminha pensando-escrevendo com sua singularidade percebida, em outros momentos, compartilhando histórias. Há os livros que escreveu pensando sua trajetória sob a maneira de tramas (ex.: *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, 1992) ou cartas (ex.: *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*, 1977; *Cartas à Cristina*, 1994). Estes livros assinalam diferentes empregos à criatividade no contexto da escrita de Paulo Freire. Em processo de criação, exercitando seu potencial criativo, Paulo Freire segue demarcando as bases essenciais de suas ideias, condicionando sua própria inserção no mundo (ROSAS, 2008).

² Situado pela lógica da *Dialética do concreto* (1976) pode-se pensar que o trabalho de escrever-lendo-reescrevendo, como exercício gnosiológico remete o escritor-leitor ao esforço crítico de afastando-se da aparência da coisa, aproximar-se de sua essência. Paulo Freire (2001, p. 113) escreveu: “Isto significa que temos de realizar o esforço difícil de desembaraçá-lo destas aparências para apanhá-lo como fenômeno dando-se numa realidade concreta”. Nesta sintonia dialética encontram-se elementos da significação da coisa em si, maneira de se posicionar diante do agir gnosiológico, com criticidade.

Sua trilha transita associada aos vários gêneros da língua portuguesa. Como verbo, criatividade se encontra articulada a ação de “criar”, “recriar”, “re-criar”, “inventar”, “reinventar” ou “re-inventar”.

Em outros momentos, sob a condição substantivada, é corrente a identificação com termos que articulam criatividade à denominação de substantivo próprio, condição em que Paulo Freire se expressa com sua religiosidade, sua opção radicalizada na aproximação com o “Criador” (FREIRE, 1967).

De outra maneira, concentra suas reflexões, orientado por argumentos da incompletude humana, intensificando o debate introduzido por Jean P. Guilford (1967), associando criatividade à condição humana, à habilidade de fazer cultura. Daí que, na condição de substantivo designando o estado singular de sujeito que vive o processo criativo (“criação”, “recriação”, “invenção”, “reinvenção”, “descobrimento”), ou mesmo, nas situações em que criatividade assinala a condição de sujeito no enfrentamento de problemas que capta da realidade percebida (“criador”, “criadora”), a ação criativa, no contexto da obra freireana, é consequência da maneira de ler o mundo, de estar no e com o mundo.

Nesse sentido, mediado por sua opção teórico-filosófica, aquela com a qual delimitou sua caminhada de sujeito histórico e de cultura, Paulo Freire vai trilhar com criatividade, maneira de “pensar-fazendo, centrando suas ideias no conceito de homem como ser de relações”. (ROSAS, 2008, p.39).

Por conseguinte, como sujeito histórico e de cultura, Paulo Freire condicionou criatividade à educação enquanto processo de libertação humana livres do sectarismo, dos modos de opressão, produzidos no contexto de “sociedades fechadas”, constituídas por certa dialeticidade entre “inexperiência democrática e sua superação”. (FREIRE, 1959).

Educação orientada por outros elementos que àqueles afinados com práticas pedagógicas “bancárias” – “opressora”, “vertical”, “informativa”, “autoritária”, “desesperançosa”–. Sua opção se fez por certa educação

fundamentada na busca do “ser mais coletivo”, cuja dinâmica pedagógica se constituísse de práxis libertadora. Para muitos identificada por educação popular³.

Assumindo o pensamento de Paulo Freire para delimitar *Educação como prática da liberdade* (1967), a discussão sobre criatividade vai exigir outros pressupostos, condicionando criatividade e ação criativa à práxis educativa “horizontal”, “comunicativa”, “democrática” e “criticamente esperançosa” (ROSAS, 2008, p.218). Entende-se, assim, que a ação de criar, recriar em educação, com e a partir dos enunciados teórico-filosóficos da *Educação como prática da liberdade* (1967), pressupõe a ‘leituramundo’ de que criatividade emerge com significado e práxis⁴ libertadora. Por isso mesmo, a ação de criar encontra-se condicionada por certa dimensão política frente à diversidade das relações humanas. O que vai exigir de todos(as) que optam pela educação libertadora, delimitar suas ações conscientes de sua responsabilidade histórica com o social, com a valorização da vida em “sociedades abertas”⁵.

Provavelmente a maior riqueza da obra de Paulo Freire, referente ao debate sobre criatividade, esteja na epistemologia condicionada por contextos amplos. Não se deve pensar criatividade com e a partir de Paulo Freire, em educação libertadora, sem esforço crítico radicalmente datado. Pensar criatividade em educação libertadora não deve se fixar numa leitura superficial, circunscrita ao conceito, ao esforço, mesmo que relevante, de descrever o significado de criatividade. Com Paulo Freire, em educação libertadora, significar criatividade exige trabalho situado e datado. Exige rigor metódico na busca por conhecimentos, por argumentação crítica, por “ética universal do ser humano” (FREIRE, 2000, p. 19). Exige responsabilidade política com o

³ Educação libertadora, introduzida nos anos de 1960 (educação de adultos), no Brasil, com o Movimento de Cultura Popular (Recife em Pernambuco), a Campanha de Educação Popular (João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba) e a Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler (Natal, no Rio Grande do Norte), vai abrir espaço para a criação da abordagem em Educação Popular, sustentada por argumentos da práxis libertadora, com e a partir de Paulo Freire.

⁴ Antes de prosseguir, há algo a ser dito. Paulo Freire nunca foi estudioso de criatividade. Em nenhum momento de sua obra criatividade foi objeto de seus estudos. No entanto, em toda a extensão de seu pensamento criatividade foi palavra fundante. Motivo pelo qual sua obra se apresenta com elementos de profundidade teórica, epistemológica e filosófica para explicar criatividade como pressuposto da educação libertadora.

⁵ Sobre “sociedade aberta” e “sociedade fechada”, ver *Educação e atualidade brasileira* (1959).

processo de humanização do humano. Daí que pensar a opção político-social atribuída à educação, delimitada por argumentos da criatividade com Paulo Freire, deve estar sustentada por princípios que fundamentam o processo de libertação humana. Exige ação criativa libertadora - criatividade libertadora⁶. E será este o propósito maior desta comunicação, demonstrar, por meio da palavra escrita em *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia do oprimido* (1987), criatividade é conotação fundante do pensamento freireano em educação. Na continuidade, pretendeu-se delimitar elementos teórico-filosóficos à maneira de pensar-agir com criatividade e ação criativa em educação libertadora (popular).

Daí que a criação desse texto se deu em dois momentos que se movimentam na trilha da descoberta da criatividade libertadora. De início, com as primeiras ideias extraídas da obra de Paulo Freire (codificação-decodificação), o(a) leitor(a) poderá adentrar na dialeticidade mediada por argumentos da contradição, maneira com a qual se desvelará significado e situação com que criatividade e ação criativa se estendem como condição humana em busca por sua libertação. Na continuidade, com passos que se misturam com a trajetória da criação freireana, diálogo assumirá a conotação constitutiva de comunicação autêntica com que homens e mulheres se expressam como sujeitos ativos em processo criativo (codificação-decodificação). Como síntese, expressão da nova-codificação, nas considerações, criatividade e ação criativa articulam-se à educação libertadora (popular).

1 Criatividade em Paulo Freire: primeiras ideias

Desde *Educação como prática de liberdade* (1967) a quando escreveu *Educação e conscientização* (capítulo 4) o esforço assumido por Freire fora o de pensar uma educação que possibilitasse contrapor o conservadorismo pedagógico, na direção de uma educação constituída por uma práxis

⁶ “Criatividade libertadora expressa dimensão qualitativa com a qual se opõe semântica, política e filosoficamente aos modelos que explicam criatividade sob as bases da educação dominante, tradicional. Trata-se da opção que assume na ação de criar e recriar, influenciada pela lógica epistemológica e teórico-filosófica paulofreireana, o princípio que move as relações humanas” (ROSAS, 2008, p.140).

libertadora. Educação orientada à aprendizagem de conhecimentos em busca da “superação da in experiência democrática” (FREIRE, 1959).

Naquela ocasião, a expressão criativa de Paulo Freire não se deu com o método de alfabetização, visto que sua atuação como professor de língua portuguesa não lhe subsidiara ao ponto de criar um método de alfabetização para educação de adultos. Bem porque o método analítico de alfabetização já havia sido inventado. Sua ação criativa interage com a introdução do diálogo, da leitura-mundo antecedendo a leitura da palavra, da afirmação do ser humano, analfabeto como sujeito histórico⁷ e de cultura⁸. Ao propor uma comunicação horizontal (círculo de cultura) entre professor (educador-educando) e estudantes (educandos-educadores), sua ação criativa emerge do entendimento de que estar no mundo exige criticidade atenta aos feitos anteriores de outros homens e mulheres que ousaram pensar e posicionar-se no mundo.

Pode-se imaginar, com Paulo Freire, que o movimento criativo seja consequência da “incompletude humana”, do reconhecimento acerca da “pluralidade” que se faz com as “singularidades” do humano (FREIRE, 1967), mediadas por certa compreensão crítica acerca das relações de que, como sujeito ativo, participa.

A ação criativa de Paulo Freire esteve mais próxima da intenção de afirmar o ser humano como ser de relações, crítico por opção, delimitado por sua radicalidade, do que condicionado por certa elaboração de uma estrutura formal para a alfabetização de adultos. Seu ponto de partida, a pergunta.

⁷ Assumir a condição de sujeito histórico diz da opção de homens e mulheres se perceberem no espaço-tempo. Diz Freire em diálogo com Moacir Gadotti (em *A educação neste fim de século*, 1991): “melhor maneira de alguém assumir seu tempo, e assumir também com lucidez, é entender a história como possibilidade. O homem e a mulher fazem história a partir de uma dada circunstância concreta, de uma estrutura que já existe quando a gente chega ao mundo. Mas esse espaço tem que ser um tempo-espaço de possibilidade, e não um tempo-espaço que nos determina mecanicamente”. (FREIRE, 1991, p.89-90).

⁸ Influenciado pela leitura de Álvaro Vieira Pinto (*Consciência e existência*, 1969), de que “cultura é uma criação do homem, resultante da complexidade crescente das operações de que esse animal se mostra capaz no trato com a natureza material, e da luta a que se vê obrigado para manter-se em vida” (p. 122), Paulo Freire assume o termo cultura para delimitar a condição humana de produção pela sua força de trabalho. Reconhecendo-se sujeito de cultura, o ser humano integra-se ao mundo com relações de que participa ativamente. Nas palavras de Paulo Freire, “cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador [...] cultura é toda criação humana”. (FREIRE, 1967, p. 109).

Questões desafiadoras com as quais o processo criativo ia sendo preenchido, com respostas inventadas, recriadas, expressando a maneira de solucionar problemas.

Certa vez, se perguntara: “como proporcionar ao homem meios de superar suas atitudes, mágicas ou ingênuas, diante de sua realidade? Como ajudá-lo a criar, se analfabeto, sua montagem de sinais gráficos? Como ajudá-lo a inserir-se?” (FREIRE, 1967, p.107). Dessas questões, iniciadas pela inquietude ousada, pela coragem de se perguntar, a ação criativa vai, aos poucos, se constituindo em ação concreta pensada. Seu exercício se deu pelo reconhecimento de que a leitura da palavra deve ser antecedida pela leitura do mundo, de onde se retiram temas e palavras geradoras⁹. É no mundo que se encontram os temas para a ação criativa. Codificar estes temas, decodificá-los pelo exercício singular da pessoa e, na continuidade, elaborar nova codificação são ações fundamentadas na compreensão utópica, amorosa da função educacional humana, maneira de agir com solidariedade tolerante daqueles que, não se acomodando no mundo, lhe deseja transformar.

Educação orientada por esta intenção encontra seus argumentos na matriz epistemológica da comunicação verdadeira, cuja práxis pedagógica se expressa por diálogo autêntico (FREIRE, 1987). A ação criativa, elaborada nas relações entre sujeitos que atuam orientados pela valorização da “amorosidade humana em processo de sua humanização” (FREIRE, 1967), com atitude, humilde, dinâmica, situa-se no trânsito consciente nas relações de que participa, transformando obstáculos em concretos viáveis a serem enfrentados. Humildade e ação criativa encontram-se posicionadas a partir da realidade percebida, do reconhecimento de que a *singularidade* do sujeito em ação criativa, em aprendizagem, não se isola da *pluralidade* em que se insere. Nesse sentido, não há humildade que deva ser valorizada, no âmbito da educação libertadora, que esteja condicionada na direção contrária ao respeito ao outro(a), ao diferente, à diversidade.

Juntam-se a esta relação de elementos da matriz do pensamento de

⁹ Paulo Freire parte do concreto vivido pelos educandos(as) – palavra e tema gerador -, desafia-os(as) em diálogo a assumirem-se como sujeitos; recria o concreto vivido pela reflexão crítica e autêntica (ROSAS, 2008, p.152).

Paulo Freire, como afirmação de sua filosofia, teoria em educação, a esperança crítica (FREIRE, 1992), a fé, a confiança, a criticidade. Lembra-nos Carlos Brandão (2005, p.53), a alfabetização de adultos com Paulo Freire, com o que se chamou na origem por Método Paulo Freire, hoje claramente superado pela amplitude de seus feitos (sistema educacional), tem início com a participação do educador-educando, do educando-educador ao investirem ações na direção da descoberta “de palavras, revelando as ideias”, tem início com a pesquisa do “universo vocabular”, das “palavras geradoras” (FREIRE, 1987). Para Carlos Brandão (2005, p.55), a busca de temas e palavras geradoras significa a “procura das palavras da nossa gente”. Na continuidade, em processo de criação, os sujeitos se envolvem com um contexto que se amplia, o “das palavras geradoras para os círculos de cultura”. (BRANDÃO, 2005, p.61).

Em círculo, situados na horizontalidade pedagógica, compreensão de que todos(as) são sujeitos de conhecimentos, de diferentes conhecimentos, cada um(a) com sua historicidade e culturas, compartilham aprendizagens na diferença. A criatividade emerge da ação crítica dos envolvidos mediados(as) pelo caminho que se estende “da palavra geradora para os temas geradores” (BRANDÃO, 2005, p.72), “aprendendo a ler e a escrever ideias com palavras” (BRANDÃO, 2005, p.75), transitam “do círculo para o mundo, da escola para a vida”. (BRANDÃO, 2005, p.83). Por conseguinte, a aprendizagem, enquanto expressão da busca presente do estado alfabetizado, não se esgota na apropriação de definições de palavras, conceitos. Com Paulo Freire, a ação criativa estendida da descoberta das palavras para a apropriação do mundo, pela leitura-mundo, exige

assumir perante ele [o processo de descoberta] uma atitude comprometida. Atitude de quem não quer apenas descrever o que se passa como se passa, porque quer, sobretudo, transformar a realidade para que, o que agora se passa de tal forma, venha a passar-se de forma diferente. (FREIRE, 2001, p.114).

Como criatividade libertadora, constitutiva da Educação Popular¹⁰, as

¹⁰ Miguel Arroyo (2001) quando se referia à criação de um projeto de educação popular para o Brasil, lembrava a importância dos movimentos sociais como formas de luta pela libertação do

atitudes se situam com propósitos de enfrentamento às formas de injustiça, contrárias aos modelos de opressão (FREIRE, 1987) e das desigualdades. Exige práxis, autenticidade, autonomia crítica (FREIRE, 2000). Expressa-se com atitude comprometida com o “pensar certo”¹¹ (FREIRE, 2000, p.37-8), com a “esperança epistemológica” (FREIRE, 1992), com decisões tomadas por argumentos confirmados na “experiência reinventada”. (FREIRE, 1978).

A ação criativa, assim pensada, encontra-se enraizada, comprometida com o social, com a busca da “superação de inexperiências democráticas”. (FREIRE, 1959). Interage com a perspectiva de criatividade integrada à educação como instrumento de transformação e respeito ao humano em sua humanização.

2 Criatividade e diálogo como prática libertadora

Como recorte necessário à discussão, *Pedagogia do oprimido* (1987) foi livro selecionado por sua importância, e por relacionar criatividade à comunicação dialógica. Sua tese, “dialogicidade, essência da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1987, p.77), inspira-se na ideia de diálogo como condição humana. Confirma a prerrogativa de superação, em contexto histórico e de cultura, no momento em que pensa o “ser humano enraizado”, radicalmente comprometido com o outro, com o mundo, com as relações de que é sujeito autêntico e crítico.

Criatividade com Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* (1987), se insere na dialogicidade de pessoas cuja opção por comunicação esteja constituída de elementos da realidade que captam e agem com criticidade. Na diversidade de sujeitos, ação criativa e diálogo vão se constituindo em

povo. Associava o autor, educação popular aos “movimentos de libertação” no Brasil e América Latina, destacando a obra de Paulo Freire como referência à transformação do ambiente educativo-pedagógico de formação dominante, superando o modo de pensar e agir por dinamicidade orientada pela dimensão libertadora.

¹¹ Foi termo empregado por Paulo Freire (2000), em contexto dialético, para assinalar a maneira de pensar comprometido. Pensar certo, “demanda profundidade e não superficialidade na compreensão dos elementos de um fato ou fenômeno. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo” (p. 37); “pensar certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida”. (p.38-9).

“situação-problema”, desafios mediados por “inéditos viáveis”, por certo movimento dialético de ação-reflexão-nova ação do ser humano se reconhecendo sujeito de criação.

Por sua opção radical pela dialética, Paulo Freire inspira-nos a pensar criatividade mediada por certa dinamicidade contraditória da maneira humana de atuar em processo de comunicação. *Pedagogia do oprimido* (1987) possibilita reflexões entre teorias delimitadas ora por argumentos da dialogicidade, ora, como par oposto, a antialogicidade. Disponibiliza elementos que evidenciam a criatividade como inerente ao ser humano, a condição humana de solucionar desafios captados da realidade, exigindo tomada de decisão quanto à maneira humana de estar e atuar criativamente.

Dá a ação criativa tanto servir aos modelos mais fechados de sociedade quanto podendo estar associada ao movimento de superação fundamental à organização de “sociedades abertas”. De um lado, circula condicionada por consciências ingênuas, criadas na contradição humanização-desumanização, no antidiálogo. Como sectário, ingenuamente em trânsito, o ser humano entra em contradição com sua “vocação humana”, a humanização (FREIRE, 1967; 1987). De outro, orientada por conotações provenientes da conscientização crítica, a ação criativa emerge como condição necessária à superação do “medo da liberdade”, ao enfrentamento de certa “dialética domesticadora”. (FREIRE, 1987, p. 24). Nas palavras de Paulo Freire (1987, p.30),

[...] se ambas são possibilidades [humanização e desumanização], só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada.

Criatividade constituída de ideias e práticas de comunicação dialógica, situada na luta dos(as) marginalizados(as) pressupõe sujeito integrado ao projeto de sociedade que defende, consciente de seu enraizamento, cuja opção declina no movimento dialético das relações que participa, mediado por práxis libertadora.

Nesse contexto, a comunicação dialógica é uma exigência da criatividade

libertadora. Diálogo situado sob a lógica dialética, mediada por contradição e superação, emerge da diversidade humana, das maneiras que o ser humano capta suas “situações limite” e as enfrenta consciente de seu “inédito viável”, de sua condição de inacabamento. Em movimento dialógico, a ação criativa trilha por curiosidade crítica¹², fundamentada no que Paulo Freire (1987, p.78) denominou por “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo”, superando a relação “eu-tu”.

Em outra condição, presa ao antidiálogo, a ação criativa se afirma na opressão. Sua condição expressa a vontade de concentrar o produto criativo, os efeitos de sua criação no âmbito privado do indivíduo. Diferente da “colaboração”, a ação criativa de indivíduos se afirma com o desejo da “conquista”, da forma de “determinar suas finalidades ao objeto conquistado” (FREIRE, 1987, p.135), lhe atribuindo condição de posse, de coisa conquistada. Por isso mesmo, o homem e a mulher dominantes, no ato de dominar, atuam com ação criativa, negando ao outro(a) “o direito de dizer a palavra, de pensar certo”. (Ibidem, p.123). Sua comunicação é mediada pelo aparato da mera informação.

Criatividade condicionada por antidiálogo, própria ao modo opressor de dizer a palavra, se organiza por princípios sectários de divisão, manipulação para manter a condição de dominação. Noutra perspectiva, criatividade e ação criativa se situam sob a dinamicidade que, pretendendo superar o estado opressor de indivíduos, se consolida com a radicalidade dialógica. Motivo pelo qual os *quefazer*es criativos se situam no coletivo, na pluralidade delimitada por singularidades verdadeiras. A pronúncia da palavra se prolonga com a práxis libertadora, condição fundamental à ação criativa constituída com a maneira de pensar-agir, mediada por movimento da nova-codificação, em processo de libertação. Por isso mesmo, se a intenção for por trabalhar a prática educativa

¹² Referindo-se ao ser humano com conotação de criticidade em diálogo, Paulo Freire (1987) retoma o que escrevera em *Educação como prática da liberdade* (1967) condicionando a transitividade do movimento de pensar-agir crítico à radicalidade com que as relações humanas são delimitadas por elementos de sua amorosidade. Com isso, escrevera: “O homem em diálogo, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, pode ter este poder prejudicado. Essa possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a eles, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder”. (FREIRE, 1987, p.81).

mediada por certa maneira de pensar-agir na dialogicidade como prática da liberdade (FREIRE, 1987), a trilha a ser desvelada exige criatividade libertadora.

3 Considerações finais

Dois foram os desafios absorvidos como “situação limite” para a comunicação em criação. Com o primeiro, a trilha foi sendo tecida com o propósito de demonstrar que criatividade é conotação fundante do pensamento freireano em educação. Caminhou-se por dentro da *Educação e atualidade brasileira* (1959), *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia do oprimido* (1987), de maneira a extrair elementos que possibilitaram afirmar a obra de Paulo Freire como espaço crítico ao debate sobre criatividade e ação criativa.

Debate este que tanto consagra criatividade como condição humana, se situando no campo científico que explica criatividade, superando as ideias criacionistas ou aquelas decorrentes das explicações mágicas do espaço das fantasias, quanto a delimita por argumentação fundamentada na dinamicidade do ser humano como sujeito histórico e de culturas.

Na continuidade, pretendeu-se delimitar elementos teórico-filosóficos à maneira de pensar-agir com criatividade e ação criativa em educação libertadora (popular). Nesse sentido, os livros selecionados, condicionados pelo pensamento de Paulo Freire acerca da educação, possibilitaram afirmar criatividade e ação criativa como constitutivos da educação libertadora (popular).

Por conseguinte, ao relacionar criatividade e ação criativa à práxis problematizadora, decorrente da educação como expressão do pensar-agir humano em processo de libertação das práticas opressoras, domesticadoras que coisificam a condição humana, há de se delimitar o campo teórico-filosófico da ação educativa com criatividade e ação criativa libertadoras.

Daí que criatividade libertadora é condição humana motivada pela consciência transitivamente crítica; que se expressa como condição de sujeito ativo, transformador, singular, inconcluso.

Criatividade e ação criativa, libertadoras, se exprimem como condição de ser humano que se reconhece como sujeito histórico e de cultura; que atuam com trabalho mediado por certo ânimo criador, experiência criativa; com amor aos homens e mulheres, exige atividade criativa revolucionária cujo movimento implica em superação da dicotomia trabalho manual e trabalho intelectual, da divisão de prática e teoria; exige ausência de privilégios, respeito à pluralidade, à disciplina criadora e militante; exige compromisso com o ser mais coletivo, ética contra a massificação, a sectarização, a consciência ingênua, milagrosa.

Com o exposto, pode-se deduzir que, se a opção por educação for no sentido da trilha delimitada por Paulo Freire, criatividade e ação criativa atendem por certo projeto político de sociedade fundamentado na dialeticidade contraditória e superadora das práticas opressoras. Exige ação criativa libertadora.

Referências

ARROYO, M.. Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil. In **Paulo Freire. Vida e obra**. Organizado por Ana Inês Souza [et.al.]. São Paulo: Expressão Popular, pp. 267-278, 2001.

BRANDÃO, C. R.. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e palavras. São Paulo: Editora UNESP, Série Paulo Freire, 2005.

FREIRE, P. R. N.. **Educação e atualidade brasileira**. Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação. Escola de Belas Artes de Pernambuco. Recife-PE, 1959.

_____. **Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 4 Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura; 15ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 9ª edição, Coleção O Mundo, Hoje, vol. 10. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GUILFORD, J. P.. **The nature of human intelligence**. New York: MacGraw-Hill, 1967.

KOSIK, K.. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ROSAS, A. da S.. **Criatividade em Educação Popular**: um diálogo com Paulo Freire. Tese doutoral. PPGE/UEPB, João Pessoa, 2008.